ANO 9.º — Sexta-feira, 31 de Março de 1916 — NUMERO 415

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

Propriedade da Empresa

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

(AVENÇA)

PORTUGAL NA GUERRA

Era natural.

Todos aqueles a quem um idealismo teatral ia tomando; a quem o egoismo individual, o comodismo pessoal servia para base de elaboração e desenvolvimento de sistemas politicos, a quem o sentimentalismo elevára o coração acima da inteligencia, dando vantagem ao sentimento em detrimento do raciocinio, iam prégando o anti militarismo, espalhando o desgosto pelo serviço militar, mostrando este como antitese de todo o sentimento de dignidade pessoal, apontando o exercito como uma casta que, parasitariamente, sugava aos póvos os seus melhores recursos não lhe dando em troca coisa alguma de util.

Numa propaganda constante de todos os dias, de todas as horas, por todos os processos, iam eles conquistando novos adeptos e, como a finalidade unica do exercito, em rigor, é fazer a guerra, como o seu unico culto é o culto da Patria, como o seu unico Ideal é o ideal Nacional, eles apregoavam a guerra como a *destruição de todo o bem e a origem de todo o mal*, eles apregoavam todos os póvos irmãos, e idealisavam o internacionalismo em oposição ao ideal nacional.

Tal propaganda ia minando os fundamentos das instituições militares, e, alastrando-se, ameaçava de produzir o desaparecimento dos povos que por ela se deixava tomar, e, numa irreflexão, ou antes, numa inconsciencia absoluta, fechavam-se os olhos á Verdade, cerravam-se os ouvidos e os olhos ás lições da Historia.

Esquecia-se que a guerra é a *luta super-social que guia o desenvolvimento externo das sociedades, das nações e das raças*.

Todos os materiais que o Progresso tem acarretado dia a dia para a edificação da civilisação, têm sido cimentados com o sangue das batalhas.

A formula *Direito* só é respeitavel quando é compativel com as vantagens que dele se obtem.

A condição inata do homem, dos organismos sociais, economicos ou politicos, a condição de vida dos povos é a luta.

Poderão apregoar o internacionalismo, com a condição de cada povo persistir na sua existencia propria, com as suas virtudes e defeitos, com a sua maneira de ser individual, com as suas tradições, com os seus caracteres, mas ninguem ousou vir apregoar que mais vale morrer do que lutar.

E aqui a contradição de tais teorias politicas ou filosoficas.

O que define fronteiras, o que marca o direito de independencia de um povo é o caracter desse povo, a sua maneira diferente de ser de outro povo.

Apezar dos 60 anos de captiveiro, Portugal nunca poude ser hespanhol, como não poude ser francez, apezar da proclamação de D. João VI.

Portugal não poude ser hespanhol, não poude ser francez, nem póde ser outra coisa senão Portugal.

A politica de um Estado deve ter em vista fins politicos, e a finalidade destes não póde ser outra que não seja assegurar a independencia nacional, a integridade do seu territorio.

No actual mundo internacional todos os povos procuram organisar-se de fórma que o organismo nacional ofereça as melhores condições de resistencia.

Na luta de interesses em que se debatem, porêm, não valem unicamente, porque não poderiam opôr toda a resistencia necessaria, as forças dos proprios povos.

Daí a necessidade das alianças, que têm por fim somar esforços que eficazmente se possam opôr aos dos adversarios.

A base dessas alianças tem de ser o interesse comum, mas não póde ser esquecido de fórma alguma o principio tradicional.

As alianças firmam-se pelos interesses; mas acrisolam-se, tornam-se mais intimos os seus laços, pela tradição e por forças historicas.

Portugal é aliado da Inglaterra, ha mais de 500 anos; e se essa aliança se baseia em principios de interesse comum, é certo que não é para flôr de rétorica chamar-se a essa aliança *historica aliança*.

Os destinos da Inglaterra não pódem ser indeferentes a Portugal.

Todos vêem, todos compreendem que a derrota, a queda da Inglaterra seria fatalmente a nossa derrota, a nossa queda.

O nosso dominio colonial e talvez a nossa independencia acabariam.

Não é esta uma afirmação gratuita que fazemos.

Temos aqui, junto a nós, o livro *A Alemanha e a proxima guerra*, escrito por um dos mais distintos generais alemães, em 1912, e que até 1913 contou 6 edições, em que, ao fazer o estudo politico dos diferentes povos da Europa, diz:

«Relativamente a Portugal apenas contaremos com ele para nos apoderarmos das suas colonias».

Dado o caracter do livro, o nome do auctor e a aceitação que teve junto do povo alemão, essa afirmação éra um aviso previdente ao povo português, para que melhor cerrasse fileiras á volta dos que combatem a Alemanha.

Não sômos contra os alemães, pela maneira como fazem a guerra, nem sequer pelo facto de a terem feito.

Não sômos contra os alemães pela fórma especial do seu espirito tão diferente do dos povos contra os quaes guerreiam actualmente e especialmente do do nosso povo.

Sômos contra os alemães exclusivamente porque sômos portuguêses.

A sua filosofia, a sua politica guerreira—vá o termo—impõe-se-nos; porque nenhum outro povo soube melhor e mais previdentemente basear a sua politica no desenvolvimento harmonico de todos os elementos de força fisica, intelectual, moral, economica, financeira e militar.

Quebrou-se-lhes nas mãos todo esse poder imenso porque, num arrebatamento estonteante de improvisação, os seus adversarios poderam opôr-lhe toda a força de uma organisação identica, esquecendo-se de formas politicas, juntando-se todos os esforços dos seus povos, formando-se a aspiração unisona da victoria que é a aspiração unisona de viver, e num entusiasmo e com a firmeza de quem defende o territorio que seus avós haviam feito grande e onde se lêem todos os dias as paginas de pugnas antigas souberam opôr, num desprendimento épico, a inteligencia á inteligencia, o amor patrio ao amor patrio, os recursos financeiros aos recursos financeiros, os recursos economicos aos recursos economicos, o desejo de viver ao desejo de alargar-se, o desejo de vitoria ao desejo de vitoria.

A vitoria, dada a egualdade do desejo de vencer, pertencerá *á entente*, porque com ela está a alma de todos os povos que se lhe opõe, porque para ela está aberto o grande veiculo de todos os materiaes que são precisos para a vitoria—o mar—e porque com ela estão as vontades e energias de todos os povos pequenos que erradamente os alemães sempre despresaram, julgando a missão historica dos povos função unicamente da sua extensão territorial, esquecidos de que os pequenos organismos são chamados a desempenhar um papel importante no vasto e complexo funcionamento do Universo.

Ao lado da Inglaterra, da França, da Russia, está a Italia, está a Belgica, está a Servia, está o Montenegro e está Portugal.

O talamento dos territorios da Belgica, da Servia e do Montenegro não tirou a estes a força combativa, a fé no seu futuro, e ao lado dos grandes exercitos das quatro primeiras nações combatem ainda os exercitos destes tres grandes povos.

Portugal não sentiu ainda o pé germanico pizar-lhe o terreno, nem o sentirá jámais, mas, arrastado á guerra pela sua aliança com a Inglaterra e pelo desprezo alemão, afrontado na dignidade de nação independente, ele prepara-se para defender a causa dos aliados, causa sua pela fé dos tratados desde a primeira hora da guerra, e agora, declarada a guerra, ele junta em volta da bandeira da Patriatodas as forças, todas as energias de todos os portuguêses, esquecidos de agravos intimos, com as quaes escreverá ainda mais uma brilhante pagina da sua historia, dessa historia tão grande que nenhum povo a tem egual.

Para o fazer, são precisos os esforços de todos os seus filhos, a serenidade, a grandeza de alma do que se votam a todos os sacrificios por uma causa justa e santa, e nenhuma de mais justiça, de mais santidade que a defeza da integridade nacional.

Para defender esta Patria nenhum esforço será escusado, nenhum sacrificio será demais, nenhuma inteligencia será desprezivel e ninguem, sejam quaes forem os seus credos, tem direito a eximir-se ao esforço que haja de fazer-se.

A alma nacional portuguêsa, se andou errante á procura de um ideal, horisontar-se-á agora com a fé nos seus destinos e juntará mais uma pagina de gloria, embora de sacrificios, ás tantas paginas gloriosas da sua historia.

Sentimos percorrer-lhe a espinha o fremito dos antigos entusiasmos a despertar nele esse ardor e esse espirito com que escreveu as paginas mais brilhantes da sua historia *burilada com o ferro das lanças e asselada com o sangue dos martires!*

E ao invocar o passado, vêmos nessa travessia dramatica, atravez as ondas, apoz o naufragio em que Camões, com um braço erguido acima das aguas, segura e salva a obra querida dos *Luziadas*—o relicario sagrado das grandezas da Patria—o amor ardente e carinhoso com que o português cultiva no altar do seu coração a santa vaidade pela Historia da sua Patria e o arreigado, o santo amor com que a defendeu e com que acende—bemdita scentelha!—os fogos das vitorias de Aljubarrôta, Montijo, Linhas de Elvas, Ameixial, Montes Claros, Roliça, Vimeiro e Bussaco.

E ao invocar o Futuro, eu vejo esta Patria assegurada e enobrecida pela fé stoica dos seus filhos, pelo amor ardente de todos os portuguêses e pela vitoria da sua causa.

Gasifer

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

Resposta a Nathercia

Minha senhora

No ultimo numero do jornal desta cidade O de Aveiro, *publicou V. Ex.ª um artigo—*Mãe, tenho fome*—cujo final diz: «Eu não sei se isto depende apenas do sr. capitão do porto, porque se o soubesse dir-lhe-hia.....................»*

*Minha senhora: para saber de quem tal depende, julgo não lhe poder oferecer melhor iluciiador do que a propria pessoa a quem V. Ex.ª tanto exalta, como capaz de defender as causas justas, pelo que lhe peço se digne lêr—*A pesca na ria de Aveiro*—da segunda lauda do* Povo de Aveiro *de 17 de junho do ano de 1900.*

Aproveito o ensejo de socegar o espirito ora atribulado de V. Ex.ª, esclarecendo que ninguem proibe os pescadores nem a pesca. Muito longe disso. A pesca da ria é sempre livre, para dez especies dos aparelhos aqui conhecidos e ainda para todos os demais de tipo legal que se queiram experimentar, achando-se defeza apenas para dois, e no periodo restrito de 3 mêses e 24 dias na roda do ano.

Resta-me agradecer a V. Ex.ª quanto ha do delicado na sua invocação á minha piedade.

Com subido respeito pelos impulsos senhoris do seu coração

De V. Ex.ª
at.º venerador

J. Affreixo

* *
*

A pesca na ria de Aveiro

«Afinal, parece que todo esse movimento de revolta, toda essa cruzada de indignação e resistencia contra a prática impune da *rapeira* na nossa ria, fica em nada. Pelo menos a quietude em que caíu a questão, parece autorisar esta hipotese.

A imprensa, para onde o assunto foi trazido com alarme e onde o problema da pesca na nossa ria foi tratado em choque quasi constante com os interesses opostos da classe piscatoria e da economia local, a imprensa, repetimos, recolheu-se ao silencio.

Porquê?

Estaria já o assunto suficiente e convenientemente discutido?

Decerto, não.

Mas o silencio fez-se.

Porquê?

Não sabemos.

Intendemos, porêm, que á capitania do porto incumbe fazer cumprir escrupulosamente o que a lei determina. E' preciso proibir, sem restricções, o uso de todas as rêdes condenadas por lei. A elas, sómente a elas se deve a diminuição sempre crescente da produtibilidade da nossa vastissima região aquicola.

A escassez de pescado no mercado e as dimensões exiguas do peixe exposto á venda não proveem de ter crescido o numero de pescadores, como alguns sofistas inculcam, mas sim do uso impune que ha anos se vem fazendo, não só das rêdes de *arrastar* como das *fixas* de malha miúda. Entre a escassez do pescado e o aumento da classe piscatoria não ha proporção admissivel que justifique o estado de pobreza a que chegou a nossa ria, outr'ora tão abundante.

São mais a pescar?

Cada um pescará menos; e admitindo que a procriação não diminuia, a abundancia de peixe no mercado deveria ser sensivelmente a mesma, porque, por hipotese, o mesmo que dantes era pescado por 50 será agora pescado por 100 homens. Mas não. A abundancia é uma abundancia negativa. E' enormemente inferior. Porquê? Porque cresceu o numero de pescadores? E' claro que não. O motivo da diminuição está no emprego das rêdes de malha miúda a que aqui nos temos referido, as quais destroem grande parte dos embriões e apanham quasi toda a criação em tenrissima idade, obstando assim a que o peixe se desenvolva e atinga as proporções devidas.

Duzentos homens pescando com as rêdes de cem doutros tempos, nunca conseguiriam fazer diminuir no mercado a abundancia. Esta diminuição é um facto, e de modo algum póde ser satisfactoriamente explicada senão pelo uso abusivo das rêdes que a lei condena.

E a proposito ocorre-nos referir o seguinte, que é curioso. Ha anos ventilou-se na imprensa do país a questão do tempo defêso da caça. Intrometeu-se na discussão um padre da Murtoza que taxou de disparatada a proibição de caçar, porque, escreveu ele, Deus, quando criou as criaturas, deu-lhes todas as condições de vida para livremente se reproduzirem, e, por maior que seja a matança feita pelos caçadores durante a época da criação, nunca as especies se extinguirão, do mesmo modo que ha e ha de haver sempre galinhas, não obstante o uso quotidiano que o homem faz delas para sua alimentação. Não seriam exatamente estas as palavras, mas a ideia, a fórma da argumentação e os seus elementos são os mesmos.

Esperávamos vêr novamente reproduzida esta piramidal razão a respeito da pesca. Hão de concordar que é de arromba e que a questão ficaria morta.

No entanto, se não morreu, como *infalivelmente* morreria esmagado debaixo do peso do argumento que referimos, no caso de novamente se reproduzir, quer-nos parecer que sucumbe atacada não sabemos bem por que mal. Ou por outra, sofre do mal de que sofrem todas as cousas neste santo país.

Os defensores audazes da riqueza da nossa ria recolheram-se ao silencio com armas e bagagens.

Pois fizeram mal, porque para tudo ficar em linguado, ao menos que ficasse em *linguado de palmo*.»

GOVERNO DA INDIA

Tem sido de tal modo proficua a administração do estimavel aveirense, dr. Francisco Couceiro da Costa, na India Portuguêsa, que o governo pensa reconduzir no mesmo logar o velho republicano, visto ter terminado o praso maximo de cinco anos, estabelecido para a permanencia desses altos funcionarios do Estado.

Folgâmos que assim aconteça, pois é-nos sempre grato vêr fazer justiça a quem a merece.

Films . . .

Preocupações

Ha aí quem muito se preocupe, manifestando-se publicamente, contra o facto do governo ter decretado as novas inspecções e ainda com tudo quanto seja falar em ir combater, lá fóra, ao lado dos aliados, isto devido talvez a um excesso de patriotismo que manda bater o inimigo onde se sabe, de certêsa, que ele não aparece...

Lá que os ha, ha... E cada um...

Apoiado

O sr. Fernando de Souza, jornalista catolico, tem a seguinte opinião ácêrca das tensas relações em que nos encontrâmos com a Alemanha e a Austria-Hungria:

Perante o facto consumado da declaração de guerra uma só coisa ha que fazer neste momento: é cumprir o dever para com a Patria, sem prévias condições, nem retaliações, nem exclusivismos.

Estas palavras só merecem aplauso. Contudo, quantos a esta hora se não terão contorcido ao terem delas conhecimento.

Proposito?

Do Rio Grande do Sul veio-nos uma carta participando a posse da nova directoria da Liga Monarquica D. Manuel II, que aproveita a oportunidade do momento para solicitar tambem a remessa do *Democrata*, confiada *na muita dedicação pelas causas nobres que em todas as épocas temos revelado.*

Olhem srs. reiseiros: isso é com outra qualidade de gente e nesse caso vão bater a outra porta que cá em casa não ha pão cosido...

Espantoso!

Querem saber quem estava ainda ha pouco para assumir o comando da policia da Beira, na Africa Oriental, querem? Se fosse algum republicano nós não acreditariamos. Porêm já o mesmo não acontece so sabermos que para o cargo estava indigitado um tal capitão Graça, que foi corrido de Lourenço Marques juntamente com outros talassas incorrigiveis, aonde entrou tambem o então governador interino da provincia, major Batista Coelho. Se ele chegou ou não a tomar posse, ignorâmos. Todavia não nos causa admiração que o homem esteja á frente desse logar, tanto mais que a Republica hade ser dificil chegar ás colonias e mórmente á provincia de Moçambique...

Autoridades

Diz-se que vão ser substituidas, mas até hoje ainda o não foram.

Dar-se-á o caso que *patrioticamente* fique comendo dos *tres pratos* á mesa do orçamento o administrador do concelho de Aveiro?

Amnistia

O governo pensa em conceder uma ampla amnistia na qual sejam abrangidos os conspiradores monarquicos e os presos por questões sociais.

Para completar o quadro da *união sagrada*, não ha duvida, vem a proposito, consoante reconhecem os que ainda por cima dizem mal do regimen...

Censura prévia

Começa ámanhã para a imprensa do país exercida por comissões especiais. Egualmente principiarão a ser sujeitos á censura todos os telegramas internacionais em transito, medidas essas que só serão abolidas depois que acabar a guerra.

A Junta das Aradas e a questão dos fóros

A historia da tal perseguição aos Choquelhas

—(*)—

A SINCERIDADE DOS DEFENSORES DO PATO

Como prometemos, dâmos hoje alguns excertos das alegações e minuta de agrávo do sr. dr. André Reis, advogado da Junta das Aradas, na questão que esta intentou contra os *Choquelhas* (herdeiros do padre cura Bartolomeu) hoje representados pelo padre Choquelhas, que é amigo do Pato.

Esta questão tem sido explorada pela *Sociedade Anónima Exploradora do padre Pato*, unica e exclusivamente para prejudicar a Junta, depois da Republica.

Depois da Republica, dizemos nós, porque enquanto o Pato foi da Junta, onde fazia a celebre administração que temos relatado, os Choquelhas pagaram o fôro, o Pato recebia-o, metia-o em orçamento e mandava passar recibos!

Vejam a sinceridade dos defensores do Pato e digam se é sério o que escrevem e o que dizem e o que fazem. Vejam as pessoas imparciais estas coisas e saibam que aos membros da Junta, que *cumpriu o seu dever*, se chama *perseguidores das pessoas honestas!*

Não lembra ao diabo, mas lembrou aos tais defensores do Pato, que se intitulam as *pessoas honestas da freguesia*.

E' bem certo que em Aradas ha muita gente honesta; mas o que é certo é que não é gente honesta a que **comeu a areia, os adobos, a madeira, os carretos, o dinheiro, o azeite e mandou dar como pagas as importancias a pessoas que nunca de tal coisa receberam um real.** (Vejam-se os documentos que temos publicado).

Essa tal *gente honesta da Sociedade Anónima Exploradora do padre Pato*, é a que insulta, difama e calunía todos os que os não toleram e não vão á missa com tal Pato.

E' uma *gente honesta* que se embebeda nas tabernas e corta as arvores plantadas nos terrenos publicos e que comete os crimes, cuja revelação nós a tempo faremos, para edificação do publico, descancem.

Vâmos, por hoje, á questão dos fóros:

A fls. 14 dêstes autos e no inventário de todos os bens (objectos e fóros) da Junta de Paroquia da freguesia de S. Pedro das Aradas, a A., está descrito o dominio directo dum fôro de 1$200 (1$20) que lhe pagava Antonio Gonçalves Bartolomeu, fôro esse que tinha sido da *Confraria da Senhora da Lomba*, sua directa senhoria.

Esse inventário está datado de 2 de Setembro de 1879 e a sua autenticidade reconhecida pelos RR., a fls. 86, 83 e 90.

Havia, pois, 33 anos pelo menos, na data da propositura da acção, que um tal fôro estava descrito acolá, como propriedade da Junta, do que não é licito duvidar.

. . . .

Dos documentos de fls. 5 e 6 consta que os Réus eram devedores á A. da quantia de 2$40 (1$20 em cada ano) de fóros vencidos em 29 de Setembro de 1908 e 1909, impostos na sua casa, denominada *da Velha*, um pequeno bocado de terreno, pelo sul, da casa em que habitam.

O primeiro documento está assinado sómente por Julio A. L. Catarino, secretário da Junta em 1908 e 1909, *quando o Rocha Martins não tinha ali interferencia alguma*, sendo aquele Catarino a mesma testemunha que, por parte dos RR. depoz a fls. 169, como se pode vêr comparando a assinatura de fl. 172 v. com as daqueles documentos.

O' segundo documento, o de fl. 6, está assinado pelo mesmo secretário e pelo então presidente da Junta, A., o vigario Antonio dos Santos Pato, testemunha que os RR. ofereceram a fl. 43, mas de que, conjuntamente com outras, prescindiram a fls. 179.

. . . .

Já dissémos que, em 1908 e 1909, o Rocha Martins não tinha interferencia nos negocios da Junta. Nesse tempo, está provado, era secretário o Catarino, oficial do mesmo oficio do do Rocha Martins, como ele professor e antigo secretário da Junta, com o qual o Catarino está de ha muitos anos de relações cortadas, fl. 171.

. . . .

Pelo exposto, não tendo sido destruido pelos RR. o valor dos documentos de fls. 5 e 6, temos de concluir, já, que eles estão de pé em todos os seus termos e *significado*.

. . . .

O Padre Bartolomeu era coadjutor da freguesia, exerceu o cargo de tesoureiro da Junta A. desde 7 de Junho de 1870 até 1 de Abril de 1894, documento junto, e foi ele quem ha mais de 30 anos inscreveu, como foreira á Junta, a mencionada *Casa da Velha* ou seu terreno que, como tal, *tem sempre pago á A. o fôro anual de 1$200 ou 1$20*.

Afirmam este pagamento:

A testemunha de fls. 92 v. — José João Ascenso:

e na dita qualidade de tesoureiro da Jónta recebeu dos possuidores do dito terreno a quantia de 1$200 reis de *fôro nele imposto*. . . . . *o proprio reu* procurava o depoente, em diversos anos, dizendo-lhe, então, ir pagar o *fôro* referido, entregando, de cada vez, a dita quantia de que cobrava recibo, nunca deixando decair *o dito fôro que era devido á Senhora da Lomba*.

A de fl. 93 v., Antonio das Neves:

«... viu e presenceou que o Padre Antonio Gonçalves Bartolomeu *sempre pagou a quantia de 1$200 reis de fôro*.»

E a fls. 94:

»... e como *fôro* sempre o depoente considerou o pagamento daquela quantia de 1$200 reis.»

A de fls. 94 v., Antonio de Azevedo Lopes:

« . sabe que os reus ou os seus antecessores pagavam á Junta A. a quantia de 1$200 anualmente, *dizendo mesmo que era um fôro devido*, segundo parece a ele depoente, á antiga irmandade da *Senhora da Lomba*, em Verdemilho.»

A de fls. 95, Amandio Ribeiro da Rocha, a fls. 96, *in fike*, por ouvir dizer sabe que o fôro pedido nesta acção é imposto na *Casa da Velha* ha mais de 30 anos, e ha mais de 30 anos é recebido pela A. como senhoria directa do dito praso e conta a fls.: que o filho dos RR., de maior edade, padre, pessoa de cultura e com influencia na familia, confessára:

«Sempre paguei, *ou a minha familia pagou*, (como mais adiante explica), este fôro, *mas se me puder livrar desta peçonha, melhor será*.»

E isto confessou, quando o padre Pato, após o exame da escrituração da Junta A., para ele exclamava: *Estás caído, não ha que vêr, tens de pagar!*

A de fls. 97 v., Antonio da Rocha Martins, diz:

«... e, por isso, sabe que o proprio Padre Antonio Gonçalves Bartolomeu foi quem descreveu o dito bocado de terreno como *foreiro* em 1$200 reis anuais á Junta A., *fôro* que *sempre* este Padre Antonio pagou, como igualmente foi pago pelos proprios RR. até á data da Proclamação da Republica.

E mais adiante, a fls. 98:

«O depoente pode afirmar, e afirma que os 1$200 reis pedidos nesta acção, foram sempre pagos á Junta autora como senhora directa *do fôro imposto* no praso, cujas confrontações deixou indicadas.»

Pretenderam os RR. destruir o depoimento desta testemunho, aniquilá-la mesmo, trazendo a depôr em juizo contra ela: Acacio Vieira da Rosa, Julio Alfredo Lourenço Catarino e Antonio Ferreira Lavrador, fls. 162 v., 169 e 179 v., pessoas estas que, fls. 165 v., 171, 199, se acham todas de relações cortadas com o Rocha Martins e, portanto, suspeitas de parcialidade.

O NOSSO ANIVERSARIO

—(*)—

Recebemos mais os seguintes cumprimentos de confrades nossos, que muito nos penhoram:

De *O Futuro*, da Louzã:

«O Democrata»

Entrou no 9.º ano de publicação, este nosso presado colega e bem redigido semanario de Aveiro.

As nossas felicitações.

De *O Debate*, de Ponta Delgada:

Aniversario

Após 8 anos de combate pela Republica e defeza dos sagrados interesses da Patria, entrou no seu nono ano de publicação o nosso ilustre colega *O Democrata*, que com valor e verdadeira coragem tem sempre sabido impôr-se entre os jornais portuguêses.

Como a todos os verdadeiros republicanos desejâmos áquele ilustre defensor da nossa causa uma prolongada existencia, coroada do exito que até aqui tem obtido, devido á inteligente pena da sua redacção.

De *A Plebe*, de Valença:

"O Democrata"

Registou mais um ano de existencia na sua vida jornalistica este nosso estimado colêga que se publica em Aveiro, sob a direcção do velho republicano sr. Arnaldo Ribeiro.

Apresentamo-lhe as nossas felicitações.

Do *Democrata Feirense*, da Vila da Feira:

Aniversario jornalistico

Na semana preterita celebreu o seu aniversario o nosso presado colêga de Aveiro *O Democrata*, pelo que muito cordealmente o felicitâmos.

PELA IMPRENSA

Recebemos a visita dum novo semanário que principiou a publicar-se em Guimarães intitulado *O Republicano*, propriedade e orgão do *Centro Democratico Vimaranense*.

Os nossos cumprimentos.

=Pela morte do seu redactor principal, assumiu interinamente a direcção do nosso colêga de Oliveira de Azemeis, *A Opinião*, o inteligente advogado nos auditorios daquela comarca, sr. dr. Sá Couto, que em tempo se revelou um apreciavel jornalista.

FEIRA DE MARÇO

Porque estivéssem lindissimos, verdadeiramente primaverís, os dois primeiros dias de feira, sábado e domingo, afluiu a esta cidade grande numero de forasteiros, que muito a animaram, fazendo os feirantes um negocio regular.

Pena é que o tempo não endireite de vez.

A pesca na ria

O jornal da Vera-Cruz, cuja voz *sempre autorisada faz opinião, pela constancia e firmeza das suas convicções, pela maneira elevada como estuda e trata todos os assuntos, mórmente os de interesse geral*, está-se ocupando agora com vigor e com descernimento da questão da pesca, tendo feito inserir no seu numero de sabado, 25 do corrente, um substancioso artigo intitulado *Momento grâve*, que clama contra a regulamentação da industria da pesca, dizendo textualmente:

«Vimos aqui reclamando **ha muito** que se abram ao pescador as portas da ria. . . . .

. . . .

Porque ha de manter-se integro, neste momento dificil para todos, um regulamento contra *quem* brada, mais alto do que **todas as erradas teorias que o defendem,** a voz da desgraça? . . . .

. . . .

Faculte-se desde já o livre exercicio da pesca. . . . .»

Ora nós, que gostâmos de fazer justiça a todos, presando-nos de nunca a ocultar onde a ha, entendemos do nosso dever corroborar as palavras e afirmações do *Camaleão*, mostrando aos nossos leitores que, na verdade, ele *ha muito* se pronuncía pela verdadeira liberdade da pesca e contra as teorias erradas.

E para isso, basta lêr um seu numero anterior, de 5 de maio de 1900, onde textualmente vem o seguinte artigo:

Contra a devastação

Pela Capitanía do porto de Aveiro foi publicado o seguinte edital:

J. Afreixo, capitão do porto, faço saber que:

São proíbidas todas as redes de arrastar pelo fundo.

Os aparelhos apreendidos serão destruidos, etc., etc.

Aveiro, 28 de abril de 1900.

Muito bem. Vemos que *as reclamações publicas*, **de que apenas fomos éco,** *foram atendidas* pelo sr. capitão do porto, e que se vae tratar com a maior seriedade de um assunto, que interessa a todas as classes, e **em especial á propria que inconscientemente está aí a devastar um manancial de riqueza, sem que semelhante vandalismo lhe aproveite e a tire das condições miseraveis em que tem sempre vivido. E deve-se semelhante estado á sua desorientação, esgotando a ria ao dar cabo da criação, quando se a deixasse crescer haveria no mercado abundancia de peixe, auferindo bons interesses a familia piscatoria. Mas tudo se sacrifica á ganancia de alguns tostões, sem se pensar um pouco no dia de ámanhã, que será de lagrimas, sem lume e sem pão no lar, tudo triste e miseravel, porque se matou de uma vez a galinha dos ovos de ouro.**

Ora a galinha, e bem gorda podia ela ser, é a ria, e os ovos de ouro, seriam os peixes que a bruteza do pescador colhe com aparelhos proíbidos, de malha estreitissima e ainda assim revestida de pano, para que nenhum individuo da fauna aquicola escape á destruição destes Herodes maltrapilhos, que matam trez mil pequeninos sêres para aproveitarem apenas mil. Uma barbaridade sem nome e que está exigindo ha muito tempo severissimo correctivo.

E' o sr. capitão do porto um homem novo e desejoso de mostrar que póde e vale em cousas da sua competencia e jurisdição. **Pela nossa parte póde contar s. ex.ª com o nosso mais decidido apoio. Urge salvar das garras dos barbaros o formoso e vasto estuario, que até aqui tem sido devastado impunemente.** As redes de arrastar pelo fundo são peores que as pragas que, como castigo de Deus, arrazaram em seculos idos o feracissimo Egypto, cuja producção cerealifera chegava quasi a abastecer os mercados da Europa. **Pois a ria de Aveiro, expurgada de vez de todos os aparelhos que teem esgotado a sua fauna, proíbida a colheita do moliço nos periodos da desova do peixe e acautelados os viveiros de birbigão, que povoam a ria desde a barra até ao Moranzel, reservando este molusco só para alimentação em vez de se consentir que o apanhem para estrume,** assegurará a subsistencia a muitos milhares de familias, fazendo embaratecer o peixe nos mercados de Aveiro, Ilhavo, Ovar e Pardelhas, o que dará maior desenvolvimento á exportação para o Porto, para a Beira e Hespanha sem prejuizo do consumo local. **Sendo como deve ser rigorosa a fiscalisação da ria, para que dela não sejam levantados productos que não tenham o devido desenvolvimento para poderem entrar imediatamente no consumo, estamos certos que acabará definitivamente a anarquia e a devastação, que tem posto a saque a ria de Aveiro.** E na verdade, era lamentavel semelhante estado de cousas, que terminaria fatalmente por não haver peixe nem para os pescadores nem para os que habitualmente fazem uzo deste genero de alimentação, que tão barato podia ser entre nós, e que se vende ás vezes por preços exorbitantes, graças á ignorancia dos que mais zelosos deviam ser, em proveito proprio, das cousas da ria.

E' edificante, não é?

Sobre tudo na parte em que se promete ao sr. capitão do porto que *póde s. ex.ª contar com o decidido apoio do* Camaleão.

Não podemos deixar de dar ao sr. Jaime Afreixo, que, por acaso, é o mesmo oficial de marinha, e tambem ás teorias e á sciencia, os nossos mais sinceros parabens.

A justiça a quem a merece.

Necrología

João Simões Amaro

Sucumbiu no domingo aos estragos da tuberculose que, no Brazil, onde esteve 14 anos consecutivos, lhe começou a minar o forte organismo, o nosso conterraneo e muito presado amigo João Simões Amaro.

Novo ainda, João Amaro tinha vindo ha pouco de Manáus confiado em que encontraría aqui remedio para o mal que dia a dia cada vez mais o definhava e era vê-lo como falava, esperançado na medicina e no vigor a que lhe dava jus a sua idade, sem se lembrar que depois de 14 anos de trabalho já não podia ser o mesmo homem robusto de outros tempos, o mesmo João Amaro que, reunindo á sua compleição de artista uma forte mosculatura, acaso se encontraría em condições de triunfar da doença mediante o rigoroso tratamento a que se sugeitava, o cuidado e a boa vontade do medico em o salvar da crise porque estava passando, ele que tanto desejava viver, que tanto se sacrificou para ter uma velhice feliz na terra que fôra o seu berço e a que tão devotadamente era afeiçoado!

Está, porêm, tudo perdido.

Baldados todos os esforços de cura, sobreveio a morte e J. Amaro dorme a esta hora o eterno sôno, tendo a ungi-lo uma grinalda de saudades com que cercamos o cadaver de tão dedicado quanto prestimoso amigo a quem o *Democrata* deve a mais sincéra homenagem de reconhecimento pelos serviços que desinteressadamente lhe prestou, sem enfado, antes com a dedicação propria da estima que a todo o instante se revelava.

* * *

Tambem vitimada pela mesma doença deixou de existir a sr.ª D. Maria da Apresentação Lé, filha do antigo capitão nautico, Joaquim dos Santos Lé e irmã dos srs. Manuel e Alvaro dos Santos Lé, a quem enviâmos o nosso cartão de condolencias.

PROMOÇÃO

Ao nosso bom amigo, Manuel Teles, atualmente oficial da guarda republicana de Lisboa, enviâmos sincéras felicitações por ter sido promovido a capitão, como de direito.

AS SUBSISTENCIAS

Continuam no mercado a ser vendidos por altos preços os generos de primeira necessidade sem que até á data tenha aparecido quem ponha côbro á especulação que alguns comerciantes se permitem fazer, abusando da situação creada desde o inicio do conflito europeu á custa do qual uma grande maioria se está governando bem governada. Mas para que assim aconteça agrava-se cada vez mais a situação economica das classes pobres e mesmo dos remediados o que a nosso vêr é um crime consentir-se ou sequer tolerar. Nada: quem quer que seja tem de intervir a favor do povo mesmo porque é preciso demonstrar á evidencia que a Republica não protege açambarcadores que exploram com a miseria, isto quando todos se deviam lembrar que o mômento é de sacrificio e não de usurpação, como ignobilmente se está praticando.

O **Democrata** *é o jornal republicano de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro.*

Uma proclamação

—=(*)=—

A *Ordem do Exercito* publicou a semana passada o seguinte:

Tendo sido declarada a guerra a Portugal por uma nação poderosa, é meu dever chamar a atenção dos oficiaes e praças para o que nos cumpre fazer na nossa qualidade de soldado do glorioso exercito português.

Em primeiro lugar é necessario levar ao conhecimento de todos que a atitude da Alemanha resulta de um programa, cuja execução foi iniciada muito antes de rebentar a guerra na Europa e que visava a absorção do nosso comercio, ao açambarcamento dos nossos mais ricos produtos do continente e das colonias, á usurpação dos nossos vastos dominios coloniaes. Este programa estava já realizado em parte e o resto em bréve o estaria, tudo levando a supôr que, se a guerra atual o não tivésse impedido, os alemães teriam feito em fins de 1914 ou principios de 1915 uma incursão em Angola para se apoderarem dos distritos de Mossamedes e Huila,

A ninguem que tenha seguido com patriotico cuidado os passos da Alemanha, desde a conferencia de Berlim, em 1885, poderá restar duvida que a sua vitória representará a perda das nossas colonias e talvez da nossa nacionalidade. No coração de nós todos deve bem gravar-se, portanto, que os combates, que se estão ferindo em tantos pontos do mundo, são combates que nos tocam muito de perto, que esta guerra é a nossa guerra, a guerra pela nossa liberdade, pela nossa independencia, pela integridade do territorio da Patria, e que nós a devemos fazer onde a nossa acção militar mais eficazmente possa ferir o poder alemão: — no continente da Republica, nas nossas colonias, em qualquer parte do mundo.

Para ela nos devemos preparar sem a menor perda de tempo, com o aproveitamento de toda a nossa energia, de todos os nossos recursos, com todo o esforço de que é capaz a nossa raça.

Para a fazermos como ela deve ser feita, com honra e dignidade, tem de animar-nos o odio patriotico contra aqueles que, planeando de ha muito o roubo das nossas colonias, massacraram traiçoeiramente as guarnições e os habitantes do Cuangar e dos outros fortes do Cubango, invadiram, sem declaração de guerra, as colonias de Angola e Moçambique, e acabaram por nos insultar, tocando-nos no que nós mais prezamos, no nosso legitimo orgulho de nação livre e independente.

Este odio ao alemão, inimigo e barbaro, tem de ser despertado nos corações de todos, e para que no exercito ele se fundamente e se sinta, necessario se torna que se digam ao soldado as razões desta guerra, se lhe narrem as ofensas que dos alemães recebemos, e se lhe expliquem as intenções e os propositos da Alemanha relativamente ás nações pequenas como a Belgica, como a Servia, como nós.

E para que a preparação do nosso exercito seja o que deve ser, para que nos combates e batalhas que tenhâmos de ferir as nossas tropas se cubram de gloria, além do mais ardente patriotismo, que tanto caracteriza os portuguêses, e dum sentimento de profunda hostilidade contra os alemães, são indispensaveis a mais severa e rigorosa disciplina, uma completa instrução militar, constantes exercicios para habituar as tropas ás mais rudes e violentas fadigas e á privação de todos os confortos, o mais meticuloso cuidado na requisição, aquisição e conservação do material de toda a especie e dos solipedes necessarios para a dotação das unidades e serviços, o sacrificio proprio levado até o extremo, o interesse pessoal posto inteiramente de parte, uma fé inabalavel, uma confiança absoluta nos destinos da Patria Portuguêsa e a mais imperturbavel serenidade.

Para estes pontos chamo a atenção dos comandantes das unidades e serviços, e de todos os quadros, desde a mais alta graduação e função do exercito até o mais simples arvorado, pois que todos, sem sairem da sua esfera de acção, mas com egual patriotismo e com o mesmo espirito militar, devem preparar as tropas sob o seu comando para a defêsa da Patria.

Indispensavel é, de facto, o concurso de todos, e hoje mais do que nunca, indispensavel é tambem que cada um desempenhe até ao fim a missão que lhe compete, sem um desfalecimento, sem uma hesitação, pondo todo o vigor e toda a aptidão fisica e intelectual exclusivamente ao serviço duma Patria, que temos de legar aos nossos filhos pelo menos tão grande e tão prospera como a herdámos dos nossos maiores.

O país inteiro e o govêrno da Republica teem os olhos fitos no exercito e depositam nele a maior confiança; o ministro da guerra tem a certeza de que ele cumprirá integralmente o seu dever e sauda-o nesta hora de perigo com o mais vivo entusiasmo.

(a) *José Mendes Ribeiro Norton de Matos.*

Serviço de administração

CONGO BELGA

Levâmos ao conhecimento dos nossos presados assinantes desta região que se acham na posse do sr. Julio Diniz, residente em Bôma, casa Vale & C.ª, todos os recibos do *Democrata* que obsequiosamente se encarrega de cobrar, e por isso esperamos que todos lhe enviem as importancias neles expressas assim que, pelo correio, recebam o competente aviso.

Desde já os nossos agradecimentos.

MANAUS

Tambem o nosso amigo sr. Antonio Dias Pereira possue já os recibos dos assinantes de Manaus (E. U. do Brazil) a quem pedimos o favor de lhos satisfazerem logo que sejam apresentados afim de lhe evitarem quanto possivel massadas e perda de tempo.

Notas mundanas

Chegou do Rio de Janeiro, onde fôra tratar dos interesses da sua casa, o nosso conterraneo e amigo, sr. Augusto Guimarães, a quem nos é grato cumprimentar, sabendo de mais que veio de perfeita saude.

✤ *Acabam de fixár residencia em Vila Nova de Portimão e Santarem, respectivamente, os srs. Francisco Dias da Silva e José Lopes de Matos.*

✤ *Regressou de Bouça Cova com sua esposa o sr. Antonio Felizardo.*

✤ *Já se encontra no continente, tendo ontem passado para Guimarães encorporado no regimento a que pertenceu como expedicionario, o nosso conterraneo dr. José Maria Soares.*

✤ *Sofrendo duma infecção puerperal que sobreveio ao nascimento da sua quarta filhinha, encontra-se gravemente enferma a esposa do acreditado farmaceutico de Alquerubim, sr. Antonio Constantino de Brito, que tem por medicos assistentes os srs. drs. Abilio Marques e Eduardo Moura.*

Os nossos votos pelas suas melhoras.

SACRILEGIO

Na noite de domingo para segunda-feira os gatunos entraram por meio de arrombamento na igreja da Nazaré, da Gafanha, donde levaram alguns objectos de valor, sem que até agora a policia, apezar de se ter posto em campo, tenha descoberto os autores de semelhante proêsa.

Naturalmente acontecerá o mesmo que se tem visto com respeito aos que em Ilhavo costumam *limpar* as lampadas da Senhora do Pranto...

Ainda a proposito da pesca

Ha quem queira vêr nas considerações que iniciámos no nosso artigo incerto no ultimo numero do *Democrata* sobre a malfadada questão da pesca, um conflito entre apreciações por nós anteriormente feitas e aquélas que no referido artigo manifestámos. Esta apreciação é menos verdadeira e é mais uma prova da manifesta perturbação que tem assistido a todos os trabalhos tendentes a harmonisar as disposições da lei com a exigencia das necessidades da classe piscatoria.

No nosso aludido artigo concretisamos os factos; e, sem hostilisar as determinações da lei, nem deixar de ouvir as reclamações dos interessados, nós pretendemos apenas harmonisar dentro da realidade do existente, quanto em beneficio de todos se poder conseguir.

As nossas considerações são em exclusivo e em absoluto tendentes a orientar devidamente a atitude a tomar perante a lei, porque não é com o errado e condenável proposito de se cobrir de insultos qualquer funcionário, atribuindo-se-lhe responsabilidades que ele não tem, que se consegue amenisar ou suspender as determinações da mesma lei.

O sr. capitão do porto é o responsavel pela manutenção, pelo cumprimento de tais disposições, que não representam a sua exclusiva vontade, suscetivel de altera-las a seu belo prazer.

Essa lei teve a sanção do governo e do parlamento. Só estas duas entidades a pódem revogar ou alterar. A elas dirijam as suas reclamações os interessados e se elas forem justas, o sr. capitão do porto não lhe negará o seu apoio, estâmos cértos disso.

Mas... a politica, a réles politica, de mistura com outros e variados interesses, meteu se no assunto e daí quem tem sofrido são justamente aqueles que ela diz pretender servir.

Fomos testemunhas e ouvimos, quando o ano passado uma comissão foi apresentar as suas reclamações ao sr. capitão do porto, esta autoridade, em resposta a uma observação feita pelo sr. dr. Joaquim Peixinho, dizer textualmente:

—O sr. Ministro da Marinha é o meu chefe politico e o meu chefe hierarquico. Só tenho a obedecer ás suas ordens e instrucções, não me podendo melindrar com a execução de qualquer, seja ela qual fôr. Pódem fazer uzo, em qualquer logar, desta minha declaração, fiel interprete do meu sentir.

Contudo tenta insinuar-se no espirito publico e nomeadamente no dos interessados, que o sr. capitão do porto excede em rancor, em maldade e em tirania o proprio Kaiser, esse abutre que devora por toda a parte a humanidade. Não é assim; não são verdadeiras taes afirmativas, que não passam de aleivosias preparadas por quantos erradamente julgam melhor servir assim os seus fins e os seus planos.

Em fevereiro do ano passado o sr. capitão do porto conseguiu que pela Comissão Central do Instituto de Socorros a Naufragos fôsse concedida a quantia de trinta escudos a cada um dos pescadores, Manuel do Roque (*o Chopa*) de Aveiro e Domingos José Gonçalves, da Murtoza, para a confecção de duas redes (*chinchorros*) com o tamanho e malha da lei, visto que estes homens, absolutamente pobres e impossibilitados de trabalhar com as redes proibidas, solicitaram do sr. capitão do porto o seu auxilio, o que não impediu que no conflito havido dias depois, o primeiro beneficiado fôsse tambem um dos revoltados apedrejadores do edificio da capitania.

A constantes instancias do mesmo sr. capitão do porto, concluiu-se o esteiro do Bico da Murtoza, o mais importante melhoramento daquela região, ha tanto reclamado por os pescadores dali e no qual o Estado dispendeu mais de seis contos.

A' hora que escrevemos, a *ultima tirania* do mesmo sr. capitão do porto são os seus esforços, junto das instancias superiores, para que seja autorisado o dispendio de tres contos e quinhentos ou 3.500 escudos afim de serem aplicados na confecção de redes e estas distribuidas pelos pescadores em resgate das suas, condenadas por lei, lei que estipulou desde a data da sua aplicação o largo praso de 3 anos para essa substituição de redes, que afinal ninguem tomou na devida consideração.

Como nós, o sr. capitão do porto, reconhece a situação dificil que os pescadores, e toda a gente, afinal, hoje atravessa.

Empreguemos, pois, dentro do respeito e da ordem todos os esforços para que tal dificuldade diminua e se modifique, sem ofensas nem desrespeitos por quem sómente cumpre os seus deveres, executando apenas a missão que lhe está confiada.

Convocação das praças licenciadas e das tropas de reserva

Pelo comando do regimento de infanteria de reserva n.º 24, são convocadas as praças de reserva e licenciadas pertencentes ao referido regimento e bem assim a todas as outras unidades das diferentes armas e serviços, domiciliados no concelho de Aveiro, a comparecerem no quartel do regimento de infanteria de reserva n.º 24, nos dias abaixo indicados, pelas 9 horas da manhã, com as cadernetas militares e artigos de uniforme, a fim de lhes ser passada a revista anual de inspecção, determinada no Regulamento Geral do Serviço do Exercito.

Os que comparecerem na Secretaría do dito regimento de reserva das 11 ás 15 horas, em qualquer dos quinze dias que precedem o fixado para a revista são dispensados de comparecer no dia marcado. As praças que faltarem a esta obrigação especial são punidas nos termos do citado regulamento.

Os dias fixados para a revista são: 7 de maio de 1916 paróquias de Aradas, Cacia, Eirol, Nariz e Senhora da Gloria.

14 do mesmo mez: Eixo, Esgueira, Oliveirinha, Requeixo e Vera-Cruz.

A BELEZA FISICA E A BELEZA MORAL

—=(*)=—

A mulher cuja beleza, a mais correta, fatiga-nos com a sua impertinencia. Ha mulheres que fazem do seu toucador um templo, e da sua beleza um idolo.

O amor e a beleza está na alma. Esse é um segredo que dificilmente se conquista e passa muitas vezes despercebido aos olhos dos que se iludem com a beleza fisica; mas essa é de todos que passam, admirando os traços corretos da beleza fisica, e dizem: é bela, é formosissima, é correta na beleza. Em regra a mulher formosa é antipatica, não ama ninguem, acha-se superior a todos os seres da sua especie, cuida só da sua pessoa, é apenas um idolo, uma escultura para desenho.

Mas ha mulheres cuja beleza fisica se não revela porque confunde-se com a da alma. E' aí que elas condensam toda a sua beleza, e se passam despercebidas aos olhos dos galanteadores, é porque não as sabem compreender; iludem-se com as belezas estonteadoras, mas tudo isso desaparece com o baixar dum *stor*, com o correr dum reposteiro, e com o apagar duma luz.

E' aí onde o verdadeiro amor inspira o da alma. Esse é mais grato que a beleza fisica.

Mas é aí, no apagar duma luz, sob os raios luminosos duma lampada esmerilada, que resplandece o olhar dôce e carinhoso duma alma cheia de beleza, que nos faz esquecer esses idolos, que no primeiro momento nos perturbam o olhar, e no segundo nos deixam indiferentes.

A beleza, a mais correta, está na alma. Contudo a mulher é um ser incompreensivel nos seus pequenos detalhes e caprichos; ela chora quando ri, e ri quando deve chorar. E' sem duvida um ser incompreensivel, arrasta-nos com um sorriso, e tortura-nos com um desprezo; ela é a metade da nossa vida, e traz-nos ligados á sua alma; compartilha da nossa alegria e sofre com a nossa dôr; é a cadeia de toda a nossa vida, é o balsamo da nossa alma. A mulher completa o homem, dá-lhe alento para as lutas, dá-lhe vida para as conquistas. Sem ela não havia o carinho nos transes amargos da vida; ela é a candeia luminosa da nossa alma, é tambem o simbolo da beleza, é o fogo brilhante de todo o universo. Só ela, como mãe e como esposa sabe mitigar uma dôr, sabe sofrer e sabe amar, e apezar de tudo isto, é um ente incompreensivel que mal ainda se póde definir. O homem em troca dos seus predicados dá-lhe o ser, a nobreza, a individualidade, o respeito e o nome.

Todas as lutas e conquistas são pela mulher; é a unica inspiradora que envolve o universo inteiro. A fealdade não existe, não é um desprezo da natureza: é apenas a transformação dos traços fisionomicos invertidos e condensados numa alma cheia de beleza.

Lisboa, 12-3-916.

Zulay

MI-CARÊME

Este ano apenas o *Club dos Galitos* comemorou o dia da *mi carême*, abrindo as suas salas onde teve logar uma atraente *soirée* dançante, que se prolongou até ás primeiras horas da manhã de quinta-feira.

A' comissão promotora os nossos agradecimentos pelo seu convite.

Orquestra filarmonica de Aveiro

Proseguem com grande entusiasmo os ensaios desta nova agremiação musical, composta de cincoenta e tantos executantes, para o primeiro sarâu, que deverá ter logar no proximo sábado, 6 de Abril, no *Teatro Aveirense*.

No programa, que é seletissimo, figuram nomes como os de Listz, Wagner, Schuman, Hendell e outros. Será, pois, a todos os respeitos, uma festa de arte digna de nota e que constituirá, sem duvida, um acontecimento no nosso meio musical.

Consta-nos que brevemente começarão os ensaios do *Estabat Mater*, de Rossine, completo, com uma massa coral de mais de 50 voses.

Bem hajam os iniciadores de tão prestimosa agremiação, e oxalá que encontrem no publico o merecido acolhimento, para que progridam, oferecendo-nos assim ensejo de ouvirmos aqui as mais geniaes composições dos grandes mestres, coisa que só com grande dispendio e perda de tempo conseguiamos obter.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

CORRESPONDENCIAS

Cacia, 30

Como em todo o país fala-se tambem aqui muito na entrada de Portugal na guerra com a Alemanha, sendo os jornais ávidamente lidos pelos habitantes desta freguesia, anciosos por saberem noticias do que se passa.

A mobilisação é, porêm, de tudo o que mais directamente interessa, sendo-nos grato noticiar que ainda existe muita gente que se não arreceia de ir cumprir o seu dever onde quer que seja preciso.

— Devido ás ultimas chuvas ainda se acham alagados alguns campos, tendo-se começado a lavrar os das partes mais elevadas para a sementeira do milho e feijão.

—Regresson de Aveiro quasi restabelecido da gràve enfermidade que pôz em eminente risco a sua preciosa existencia, o distinto medico desta freguesia, sr. dr. Francisco Soares.

Apresentâmos-lhe os nossos respeitosos cumprimentos.

— Foi afixada á porta da igreja matriz a lista dos eleitores inscritos no recenseamento politico, em numero de 220, afim de ser por eles examinada e reclamarem caso tenham de quê.

— Continua-se a trabalhar para elevar o apeadeiro á categoría de estação, estando nisso empenhados não só muitos dos nossos conterraneos de elevada posição social, como ainda bastantes negociantes de diferentes praças do país que aqui fazem transações com os nossos lavradores.

A época é má, mas em todo o caso nada se perde fazendo vêr á Companhia dos Caminhos de Ferro o acto de justi-

Dentista

Candido Dias Soares

Cirurgião-dentista pela Escola Medica do Porto, tambem conhecido por "Candido Milheiro" ou "sobrinho do Milheiro"

Abriu o seu consultorio permanentemente desde o dia 1 de fevereiro do corrente ano na rua dos Mercadores, n.º 8—1.º

AVEIRO

ça que representa a pretensão dos habitantes desta importante freguesia.

— Devem ser colocadas nos diferentes logares dentro em breve as caixas do correio, que tanta falta fazem ao publico, como fôra demonstrado ao sr. director dos serviços telegrafo-postais.

C.

O DEMOCRATA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Ano (Portugal e colonias) 1$20
Semestre $60
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte 2$50
Avulso $02

Anuncios

Por linha 4 centavos
Comunicados 2 »
Anuncios permanentes, contrato especial.

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

MANUEL Joaquim Ribau, com prática de ensino e com o curso secundário, lecciona para o exame de admissão ás Escolas Normais.
R. dos Tavares, n.º 1.

Exames de admissão ás Escolas Normais

Antonio Rodrigues Pepino e Alberto Casimiro da Silva, professores na escola central de Aveiro e alunos do curso de habilitação ao magistério primário superior, abriram em Aveiro o seu curso de admissão ás Escolas Normais.
R. de S. Roque, 15-1.º.

ANUNCIOS

Pinheiros

VENDEM-SE em Vagos.
Para esclarecimentos Duarte José da Fonseca, residente na referida vila.

SELOS PARA COLECÇÃO A PESO

Grande variedade de selos para colecção, de Portugal, colonias e estrangeiros, a peso.

Kilo 500
1/2 kilo 300
5 kilos 2$000

Albuns, folhas, charneiras, catalogos de 1916, selos em folhas etc., etc., tudo á venda na

CASA FILATELICA
de
Baptista Moreira
Rua Direita — Aveiro

Casa

VENDE-SE uma, de dois andares, situada á esquina da rua do Sol, quem vai da Praça do Peixe.

Trata-se com Antonio Rodrigues Jeronimo, na *Garage* do Largo Bento de Magalhães, nésta cidade.

Alfaiateria MIRANDA

RUA DA COSTEIRA
AVEIRO

O proprietario deste estabelecimento participa aos seus Ex.mos freguezes que acaba de receber um variado sortido de fazendas estrangeiras o que ha de mais *chic* para a estação de inverno.

Possue tambem o mesmo estabelecimento, no 1.º andar, um magnifico *atelier* de chapeus de senhora, acabando de receber ha pouco de Paris os modêlos da ultima moda assim como um sortido lindissimo de flôres vindas directamente daquêle centro da moda.

Pessoal habilitado para a confecção rapida de todos os trabalhos de que se garante o aperfeiçoamento.

Aos Ex.mos fregueses e freguêsas solicita-se, pois, uma visita a este estabelecimento.

TERRA E CASA

VENDEM-SE uma terra lavradia, murada, com casa e eira, pôço com nóra, e ramada, proximo da estação de Aveiro.

Para tratar, com Evaristo Ferreira, em Espinho.

OFICINA DE CALÇADO E DEPOSITO DE CABEDAES
DE
José Migueis Picado Junior

Nêste estabelecimento encontrarão sempre os seus colégas um colossal sortido de sóla e cabedaes de todas as qualidades, que vende por preços excessivamente módicos em virtude das condições vantajosas porque obtem aquêles artigos.

Executa-se toda a qualidade de calçado com a maior prontidão e aperfeiçoamento.

AVEIRO

GRANDES ARMAZENS DE FAZENDAS

A. Santos & C.ª

Rua Mousinho da Silveira, angulo da Travessa das Flores
Telephone n.º 803
Endereço Telegraphico "LIBERTAS"
PORTO

VENDAS POR JUNTO

Sortido completo de fazendas economicas
Especialidade em pannos brancos, morins inglezes e pannos crús.
Lãs, chitas, flanellas, riscados, chailes, lenços, malhas, cachenéz e muitos outros artigos

NÃO HA QUEM VENDA MAIS BARATO

Hotel e Restaurant Campestre

Oliveira do Bairro

E' o unico que satisfaz com rigor as exigencias da sua clientela

COSINHA DE PRIMEIRA ORDEM

COMODIDADES EXPLENDIDAS

Especialidade em leitão assado

Adéga Social

Rua da Revolução

Os proprietarios dêste estabelecimento participam aos seus Ex.mos freguezes e ao público em geral, que teem á venda os seus vinhos, ao preço de 100 reis o litro (branco) e 80 reis (tinto).

Abafado a 200 reis o litro.

Aguardente bagaceira a 300 reis o litro.

Tambem ha serviço de *restaurant*, estando encarregado da cosinha pessoa habilitadissima.

Os proprietarios,

FERREIRA & IRMÃO

Nova fabrica de telha em Aveiro

A Ceramica Aveirense

—DE—

JOÃO PEREIRA CAMPOS

SITA NO CANAL DE S. ROQUE

O proprietario desta fabrica participa aos srs. mestres de obras, revendedores e ao publico em geral, que se encontra habilitado a satisfazer qualquer pedido de telha, tipo Marselha, e doutros, telhões, tijolos vermelhos e refractarios, ladrilhos, azulejos, tubos de grez, cimentos, etc., etc., e pede para que não façam as suas compras sem uma prévia visita á sua fabrica para avaliarem a qualidade dos seus produtos.

Aos srs. mestres de obras e revendedores, descontos convencionaes. Manda amostras e preços a quem os requisitar.

Oficina de serralheria

E

Estabelecimento de ferragens, ferro, aço e carvão de forja

—DE—

RICARDO MENDES DA COSTA

Rua da Corredoura

AVEIRO

N'esta officina fabricam-se com toda a perfeição fechaduras, fechos, trincos e dobradiças, do que ha grande quantidade em deposito para vender por junto.

Grande sortido de ferragens para construcções, ferramentas, cutilarias, pedras e rebolos de afiar; folha de Flandres, de cobre e de latão; tubos de chumbo e de ferro galvanisado; pregaria, chapa de ferro zincado, etc., etc.

Vendas por junto e a retalho

Agente da Sociedade de Saneamento Aseptico de Lisboa

Diluidores septicos automaticos, esterilisadores e filtros biologicos das aguas

Aos srs. mestres d'obras e artistas

LIXAS em papel e em panno.

Recommendam-se as da **unica Fabrica Portugueza a Vapor** de **Aveiro**, de BRITO & C.ª

Muito superiores ás estrangeiras e mais baratas.

VENDEM-SE em todas as boas drogarias e nas melhores lojas de ferragens.

Pharmacia Ribeiro

DEPOSITO DE DIVERSOS PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

Aguas mineraes, naturaes do paiz e estrangeiro.

Fundas, Pessarios, Algalias, Mamadeiras, Suspensorios, Seringas de vidro e de metal, Borrachas, Insufladores, Bombas para tirar leite, artigos de pensos, sabonetes medicinaes, etc., etc.

Especialidades pharmaceuticas, nacionaes e estrangeiras, e muitos outros artigos com applicação medica e cirurgica.

Aviamento de receituario feito com o maior escrupulo e promptidão a qualquer hora do dia e da noite.

Unica pharmacia onde se prepara o verdadeiro remedio contra a ictericia, de tão maravilhosos effeitos.

Rua Direita—AVEIRO

PADARIA MACEDO

PRAÇA DO COMERCIO

AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade bem como pão hespanhol dôces, bijou, abiscoitado e para diabeticos. De tarde, as deliciosas padas.

Completo sortimento de bolacha das principaes fabricas da capital, massas alimenticias, arroz de diversas qualidades, assucar, stiarinas, vinhos finos, etc., etc.

CAFÉ, especialidade da casa, a 720 e 600 réis o kilo.

Grandes armazens

—DE—

adubos quimicos

VENDAS A DINHEIRO

Sulfato de cobre—Enxofre—Prensas para lagares—Esmagadores de uvas

ADUBOS COMPOSTOS

Arames zincados—Cimentos: TEJO e MONDEGO

Peçam preços antes de comprar a

Virgilio Souto Ratola

MAMODEIRO

VENDAS A DINHEIRO